

Entrevista biográfica de experiência migratória – História Oral

Projeto: Viena Latina – VIELAC¹

Data: 13.12.2024

Lugar: Endereço particular

Entrevistador: Pablo Volenski [P]

Entrevistade: Célia Mara [CM]

Edição: Rayen Cornejo Torres, Anderson Abreu, Pablo Volenski, & Célia Mara

Número do Documento: Entrevista 66

Entrevista:

CM: Bom dia. Meu nome é Célia Mara, sou cantora brasileira. Cheguei na Áustria em 1991. O que posso mais dizer? A política tem um aspecto extremamente central e importante na vida de todo indivíduo. Eu desenvolvo a minha música a partir da minha percepção do mundo, das condições, das situações, dos medos, das preocupações, das vitórias, do amor. A minha música é um reflexo do mundo em que eu vivo. Para mim é extremamente importante a política e a arte, porque a arte tem a capacidade de traduzir as questões difíceis da condição humana dentro da sociedade. Sou uma porta-voz ativista.

P: O que te motivou a migrar à Viena há mais de 30 anos?

CM: Uma combinação de fatores. Naquele momento, eu morava na capital Belo Horizonte onde tive a felicidade de levar a minha música a vários palcos que cobiçava. Para dar continuidade, o caminho me levaria então a centros maiores, assim como São Paulo ou Rio de Janeiro. Mas surgiu a oportunidade de ir para o Japão ou para a Europa.

¹ *Financiado pela União Europeia. Os pontos de vista e as opiniões expressas são as do(s) autor(es) e não refletem necessariamente a posição da União Europeia ou da Agência de Execução Europeia da Educação e da Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser tidos como responsáveis por essas opiniões. O mesmo se aplica ao consórcio Viena Latina, formado pelo Instituto Austríaco para a América Latina (LAI), pelo Wien Museum e pela Academia de Belas Artes de Viena.*

A convite do Peter Zimmermann, optei vir para Suíça, e participei de alguns festivais, como o Jazz Sommer Solthurn. A vida é uma aventura, uma busca, é uma curiosidade.

Foi com muita alegria que eu vim para cá, muito interesse, me era fascinante ver esse mundo diferente, esse mundo de outras línguas. Então eu saí do Brasil com essa vibração com a intenção de observar e de beber no conhecimento dessa fonte, porque o conhecimento é libertador.

P: Porque você escolheu a Europa?

CM: Acho que a Europa me escolheu. Mas digamos: vim para conhecer o mundo. Agora sei, conhecendo a Europa, conheci muito do meu mundo.

P: Como foi o seu processo de inserção no mundo da música vindo para a Europa?

CM: Fui convidada em alguns Festivais na Suíça, como o Summer Jazz Festival. Lá fiquei conhecendo o empresário Urs Güntert do Moonwalker Music Club em Zofingen. Ele empresariava e produzia também grandes nomes do Jazz & Funk americano na Europa, entre outros Eddie Harris, Nat Adderley...

Logo começou a preparar meu material de estúdio, fotos e músicos. Em Zurique, encontrei para direção da banda Letieres Leite, saxofonista, que pouco depois retornou ao Brasil para ser diretor musical de Daniela Mercury, e logo depois da Ivete Sângalo.

Aí, sim, de alguns concertos eu passei a ter uma turnê realmente maior.

Enfim, foi um sucesso essa minha chegada na Suíça. Como se diz, uma chegada boa, uma chegada tranquila, bacana. Porém, é claro, dentro desse processo aconteceram também as dificuldades.

P: Estamos falando da Suíça ou da Áustria?

CM: Da Suíça. É por isso que cheguei na Áustria. Fui deportada da Suíça. Não pude fazer a metade da minha Turnê. Me achei nessa situação por falta de informação. Mais tarde, compus uma canção que gravei no meu CD Bastardista com o título „ilegal na Geladeira“. Consegui abrigo em Portugal, cheguei em Lisboa. De lá, vim para Áustria. Era

uma possibilidade de retomar os concertos da Turnê que eu tinha na Alemanha com Urs Güntert.

P: As redes latino-americanas tiveram relevância nestes primeiros tempos na Europa?

CM: Nenhuma. Nem sabia da existência delas. Nessa época, a gente não tinha nem internet.

P: E como você chegou na Áustria?

CM: Fui convidada por Regina Buchschartner, dançarina de jazz moderno, quem conheci na minha estadia em Lisboa. 1991 conheci o guitarrista Heli Punzenberger, de Salzburg. A gente virou um duo com muitos concertos na Áustria e na Alemanha. Nesse momento começa a minha história musical na Áustria. Em 1993, me transfiro para Viena.

1996 retorno ao brasil e sob a direção de Letieres Leite produzimos o meu CD "Hot couture do Samba" com a participação de músicos como Joathan Nascimento (Tr.), Mou Brasil (git.) entre outros, que tocavam com Gal Costa e Gilberto Gil.

Final de 1996 chega Silvia Jura e se torna decididamente a parceira e companheira de vida - e de todas as produções que se seguiram. Finalizamos nos estudos Sunshine a produção do CD "Hot couture do Samba" com a participação dos músicos Bertl Mayer(harm) e Laurinho Bandeira (perc).

P: Quais são as instâncias de encontro você considera relevantes para a comunidade latina aqui em Viena?

CM: Na minha opinião, os mais relevantes são, dos que conheci: Instituto América Latina-LAI, outrora o Andino Bar, Macondo/Wienzeile, palco de muitos concertos, ponto de encontro da comunidade latina e d@s Austríac@s, e hoje atual foi substituído pelo Fania e outros.

P: Como você caracterizaria e quais são os pontos de encontro relevantes da comunidade brasileira?

CM: Na minha opinião os Brasileiros não têm lugares específicos, mas se encontram em círculos privados, nos mesmo lugares latinos, ou de música...ou nas igrejas evangélicas, católicas, espíritas!

Outrora o Celeste, Ega, DonauInsel/ Copa Cagrana, os atuais; Fania, Carioca, Larica, Badeschiff, Amacord, Café Savoy e muitos outros.

P: A Sílvia Jura, sua parceira, sua mulher. Queres falar um pouco sobre ela?

CM: Silvia e eu vivemos juntas desde 1996 e desde 2013 oficializadas em cartório. Vivemos uma relação plena de muito amor, paixão, companheirismo, cumplicidade, sonhamos juntas, nos realizamos, vivemos uma vida cheia de novidades sempre, aventura, trabalhamos juntas, nos completamos.

Com Silvia ganhamos o mundo. A banda estava na estrada, Silvia produzia, empresariava o meu projeto musical e ganhávamos mais e mais os melhores palcos dos Festivais na Europa e no mundo – seja na opera de Viena no Jazzfest Wien, no famoso Cargo de Londres, no festival Ethnolandia de Moscou ou no Joe's Pub de New York... Fomos para os grandes festivais de Worldmusic, de Jazz, de Reggae, de Afro... na Alemanha, Suíça, Espanha, Itália, para o México, para o Vietnã, para Tunísia...

P: você reconhece perfis migratórios na comunidade brasileira? O que vê você? Que perfis vê você?

CM: Desde a época Lula tem muit@s estudantes brasileir@s, muitas pessoas da classe média que trabalham em empresas internacionais, um grande grupo da classe trabalhadora de diversas áreas, alguns empresários, pesquisadores, muitos músicos e artistas.

P: Que contribuições socioculturais da migração latino-americana você considera relevantes para a vida em Viena?

CM: Eu acho que a contribuição da comunidade latina, em primeira mão, é a alegria. A alegria e a leveza de ser. E um pouco de fatalismo? Eu acho que a festa, a alegria, é uma

contribuição muito importante para o povo europeu. Porque o povo europeu é muito sério. Carrega em si essa tristeza de tantas guerras.

P: Quais estereótipos estão associados ao ser latino em Viena?

CM: A festa, a alegria, a magia, a música, o barulho, o machismo. E tem também toda essa coisa da sensualidade latino-americana, que é diferente e que atrai. Naturalmente que a estereotipização da sensualidade leva a muitos equívocos e abusos - muitas histórias de violência, de opressão. Realmente, muitas histórias.

P: Como é a sua experiência com esse estereótipo da sensualidade latino-americana em Viena?

CM: Fiquei estarrecida com uma abordagem sofrida. Uma vez eu estava em um bar e um homem me abordou de forma invasiva. Naquele momento eu fiquei pensando, você está achando que toda mulher sul-americana é puta? Não, não é isso.

A sexualização do corpo da mulher latina é resultado da imagem colonial-machista e justifica a opressão racista e de gênero.

P: Essa sensualidade latinoamericana também tem essa interpretação errada aqui em Viena?

CM: Ao chegar aqui você está num ambiente completamente diferente do seu. Então você está também bem refém dessa questão. Essa sensualidade é extremamente negativa, porque você passa a ser objeto. E você deixa de ser uma pessoa para tornar-se um objeto de conquista.

P: Como você se sente em Viena?

CM: Viena é minha casa. Aqui esta minha família, meu trabalho, minha vida.

P: E o Brasil, também é a sua casa?

CM: Eu nunca abandonei o Brasil mas ganhei a Áustria como minha outra casa.

(Agradecemos esta entrevista e esse diálogo.)